

## RESENHA

MICHELETTI, MARIO. *Tomismo analítico*. Tradução de Benôni Lemos e Patrícia Collina Bastianetto. Aparecida: Ideias & Letras, 2009. 135 p.

por

Carlos Frederico Gurgel Calvet da Silveira\*

Thiago Leite Cabrera Pereira da Rosa\*\*

A obra de Mario Micheletti é mais uma prova das rápidas transformações pelas quais tem passado a tradição filosófica anglo-saxã que se costumou denominar “Filosofia Analítica”. Fundada a partir da instauração de um novo paradigma na Lógica e na Filosofia da linguagem por nomes como Frege, Russell e Moore, e logo convertida, por Wittgenstein, o Ciclo de Viena e seu positivismo lógico, em bastião do combate à Tradição Filosófica Clássica, a Filosofia Analítica tornou-se logo sinônimo de rigor e clareza tanto quanto de cega intransigência com o passado filosófico. Seguiram-se, de certa forma inevitáveis, as duras críticas internas de Quine e mesmo

de um renovado Wittgenstein (o chamado “Segundo Wittgenstein”), bem como o nascimento de interesse por maior abertura à história da Filosofia, advogada por autores como Sellars e Rorty. Desde então, nos últimos quarenta anos, tem crescido consistentemente dentre os “analíticos” o número de incursões por domínios antes deplorados como a Metafísica e a Filosofia da Religião. As aproximações com a dita Filosofia continental, antes severamente condenada por seu comprometimento com os grande pensadores ocidentais da Antiguidade grega ao Idealismo Alemão e à Fenomenologia, passando pela Filosofia Medieval, tornam-se cada vez mais frequentes e intensos.

---

\* Doutor em Filosofia, coordenador do curso de Filosofia da Universidade Católica de Petrópolis. Editor da revista *Coletânea* e professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. E-mail: carlos.silveira@ucp.br

\*\* Mestre em Filosofia. E-mail: tprcabrera@gmail.com

São sinais dos tempos, portanto, que se possa reunir num panorama como o de Micheletti um conjunto de significativos estudiosos analíticos identificados de alguma forma com a vasta e pluriforme tradição “continental” do Tomismo.

A salutar abertura dos analíticos às contribuições do pensamento medieval à Filosofia não deixa ainda de levantar, no entanto, variados questionamentos quanto à viabilidade de tal casamento. Por isso, o autor expõe, num primeiro capítulo, de modo sintético e claro, alguns dos principais problemas investigados por esta tendência do tomismo atual, florescida no final dos anos 90, em sua conexão com o ideário metodológico da Filosofia Analítica. Indica também seus principais fomentadores, assim como aqueles que poderiam ser considerados os fundadores do movimento: Peter Geach e Elizabeth Anscombe.

John Haldane seria o idealizador da expressão “tomismo analítico” em conferência organizada por MacIntyre na Notre Dame em 1992, cujos anais geraram o já famoso texto “The Monist”<sup>1</sup>. A partir destas informações iniciais, Micheletti apresenta uma plêiade de autores que cultivam o debate no

âmbito do tomismo analítico; entre eles, Anthony Kenny, Brian Davies, David Braine, Norman Kretzmann e Ralph McInerny.

Esta obra de Micheletti consta ainda de quatro outros capítulos. No seguinte, segundo capítulo do livro, aborda o “tomismo wittgensteiniano”, onde visa a esclarecer as razões teóricas da origem deste outro nome pelo qual o tomismo analítico é conhecido: “Os aspectos nos quais, em âmbito analítico, se verifica comumente a aproximação de Wittgenstein a Tomás de Aquino são o conceito de “mente”, como se segue da crítica anticartesiana de Wittgenstein, o “externismo” em epistemologia, a crítica do assim chamado “representacionalismo” e a concepção da intencionalidade, a ser entendida, portanto, mais em relação com a descrição da atividade das pessoas do que como propriedade dos atos de consciência” (p. 25).

O terceiro capítulo tem o curioso e sugestivo título “Tomás de Aquino e a Epistemologia Reformada”. Nele, Alvin Plantinga é o autor dominante, que sustentaria, segundo Micheletti, que “Calvino e Tomás estão muito próximos um do outro em âmbito epistemológico, em particular em

---

<sup>1</sup> MICHELETTI, Mario. *Tomismo Analítico*, p. 9.

questões concernentes à epistemologia da crença cristã” (p. 46).

São, entretanto, provavelmente os capítulos quarto e quinto os mais importantes para o destino deste novo movimento filosófico: “Do realismo epistemológico e metafísico à teologia natural” e “Ética”, respectivamente. Do lado do tomismo, estes são os setores que mais se prestam ao diálogo com a filosofia contemporânea. No primeiro caso, em razão tanto da originalidade tomista do ser e do conhecer, como também por sua sólida dependência e interpretação de Aristóteles. E uma das assertivas mais importantes do livro é atribuída a Kretzmann: “a razão pela qual a metafísica e a teologia natural renascem continuamente de suas cinzas em formas sempre novas é que as questões fundamentais que elas levantam estão inegável e irresistivelmente subjacentes à estrutura da pesquisa racional” (p. 62).

No capítulo sobre a Ética, bastaria o nome de MacIntyre para justificar toda a problemática aí apresentada. Mas o autor acrescenta ainda dois nomes de peso: John Finnis e Philippa Foot. Esta filósofa britânica, cuja vida foi integralmente dedicada à investigação na área da Ética, declarou: “Em minha opinião, a *Summa Theologica* é uma das melhores fontes

das quais dispomos para a filosofia moral, e, além disso, os escritos éticos de santo Tomás são úteis tanto para o ateu quanto para o católico ou para um outro crente cristão” (citado à p. 76).

O livro, que termina com um apêndice proporcionalmente longo, onde se discute o problema de Deus e da teologia filosófica em âmbito analítico, consiste, em síntese, numa eficiente apresentação introdutória do estado atual das ainda recentes mais já bastante fecundas associações entre certa Filosofia Analítica em parte convertida à tradição e o sempre vivo e inspirador pensamento tomista.